

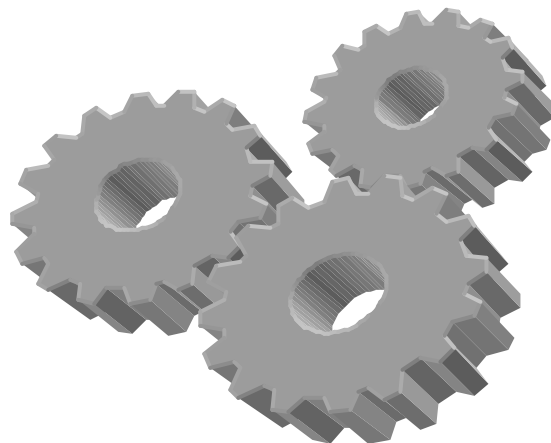
**C V D E E**

*Centro Virtual de Divulgação e  
Estudo do Espiritismo*

**Entrevista Virtual :**

***DOAÇÃO DE ÓRGÃOS  
E  
TRANSPLANTES***

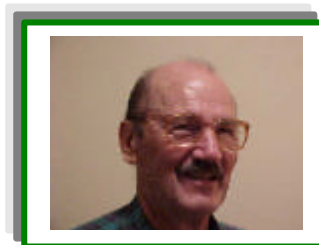
ENFOQUES E PREMISSAS ESPÍRITAS COM VISTAS  
AO TERCEIRO MILÊNIO !



**Texto de Eurípedes Kühn**

*Ribeirão Preto/SP - Outono/2003*

## O SUCESSO É A SOMA DAS TENTATIVAS



Antes de apresentarmos aos amigos internautas do CVDEE as nossas respostas às questões abaixo, devemos adiantar que nenhuma delas se reveste de concreto, pelo que podem e devem ser tidas à conta, não de verdades absolutas, mas tão-somente de reflexões.

O tema **doação de órgãos e transplantes** é relativamente novo no cenário terreno e sobre ele ainda são ralos os ensinamentos promanados do Plano Espiritual, para que pudéssemos registrar certezas. Os enfoques que a seguir estiverem ausentes da realidade científica, ou espírita, rogamos sejam debitados à nossa incapacidade de formular melhores ensaios.

Uma coisa, para nós, já é certeza: a doação espontânea é ato de amor!

Feita a ressalva, vamos às “respostas-reflexões”, as quais, dentro do “nosso” possível, estarão contemplando os respectivos aspectos científicos e espirituais desse assunto, que imaginamos terá aportado na Terra sob permissão do Plano Maior!

### 1. Especificamente quanto a transplantes: qual a visão espírita?

— De início, consideramos que a Medicina terrena é bênção divina, acompanhada de perto por Espíritos de elevada caridade e competência, os quais, sob orientação direta do Mestre Jesus, fazem aportar no planeta Terra, no tempo certo, benesses balsâmicas no trato das doenças, propiciando cura delas ou alívio da dor que causam.

Dessa forma, os progressos da Medicina têm aval espiritual protetor. Disso não há duvidar.

Os transplantes constituem uma sublime benesse. Salvam vidas. Aliviam dores.

Deslizam sobre o fio da navalha, pois na maioria dos casos lidam com a morte (anunciada, para pacientes que de outra forma morrerão a prazo certo; ou já acontecida, no caso dos doadores voluntários ou eventualmente involuntários).

É justamente por isso que aos espíritos — que bem conhecemos os desdobramentos subseqüentes à morte do corpo físico — os transplantes carregam temores, quando não verdadeiro pavor. Isso não deveria acontecer...

### 2. Na Codificação do Espiritismo existe alguma referência sobre transplantes?

— Com especificidade, na Codificação da Doutrina dos Espíritos não há menção nem de doação de órgãos, nem de transplantes deles. Contudo, sem forçar uma apropriação, ou um entendimento favorável, permitimo-nos refletir sobre três questões comentadas por Espíritos evoluídos e registradas por Allan Kardec em “O Livro dos Espíritos”, as quais, isoladas, não favorecem mesmo eventual interligação. Mas, acopladas, essas três questões permitem-nos lucubrar que algo há sim, a respeito, conquanto velado... Vejamo-las:

- Questão 156: “Há casos em que há sangue nas veias, mas não há vida”; essa informação, promanada em 1857, diz de situação que talvez possamos configurar tanto como a morte encefálica quanto a morte cerebral, diagnósticos estes, cuja precisão só seria alcançada no crepúsculo do século XX. Em tal estado, muito mais delicado do que um coma, é de se supor que o perispírito ou já está desligado ou em avançado processo de desate do corpo físico; numa ou noutra situação, a dor física estará ausente de qualquer injúria somática — extirpação de um órgão, por exemplo —, eis que o cérebro, então inapelável e definitivamente “desativado”, já não capta mais nenhuma mensagem “de dor” emitida pelo sistema nervoso central.

- Questão 257: “Ensaio Teórico Sobre Sensação nos Espíritos: o perispírito só ouve e sente o que quer”; (aqui, quer nos parecer que o ensinamento deixa a descoberto que uma vez desligado do corpo físico, o perispírito, que é a sede das sensações, tem plenas condições de selecioná-las; sendo a doação de órgãos um ato de amor, subentendendo-se que o doador já trilha pelo desapego da matéria, e nesse caso, não sofrerá qualquer impressão negativa com a retirada de algum órgão do seu traje carnal).

OBS: Há que se considerar, ainda, o jamais negado Amor do Pai a todos os Seus filhos; nesse caso, da morte recente, o doador está com merecimento adicional, fruto do seu desprendimento das coisas da matéria (no caso, o corpo que o abrigou e que agora se decomporá, inexoravelmente).

- Questão 723: “No estágio da humanidade, a carne alimenta a carne”

Aqui, refletimos: se a carne alimenta a carne, nada objeta apropriarmos a mesma idéia para dela extrair uma ilação, mas com outro enfoque: da mesma forma como a carne alimenta a carne, para o sustento da vida, um órgão (em boas condições) substitui outro (similar, mas danificado), para um período de sobrevivida; deve-se considerar, ainda, que qualquer que seja o tempo dessa sobrevivida (ou melhoria de vida), decorrentes de um transplante, quem o recebeu, um dia morrerá e aí, a Lei Natural de Destruição — decomposição dos despojos físicos — se cumprirá: a parte transplantada terá o mesmo destino da matriz, isto é, retorno à natureza.

Ademais, encontramos no “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, Cap I, item 3:

“O corpo não passa de um acessório seu (do Espírito), de um invólucro, uma veste (do Espírito), que ele deixa, quando usada. (...) Por ocasião da morte, despoja-se dele (do corpo físico)”.

Anexando outra assertiva espiritual, temos Joanna de Ângelis<sup>1</sup> filosofando sobre o corpo humano:

“(...) Alto empréstimo divino, é o instrumento da evolução espiritual na Terra. (...) Por enquanto, serve também de laboratório de experiências pelas quais os Construtores da Vida, há milênios, vêm desenvolvendo possibilidades superiores para culminarem em conjunto ainda mais aprimorado e sadio.”

(a palavra empréstimo deixa patente que o homem, na verdade, não é dono do corpo que utiliza na romagem terrena, senão sim, é dele usufrutuário, ou se quiserem, inquilino... temporário; já o servir de experiência laboratorial, parece sinalizar que o altruísmo das doações de órgãos para transplantes intervivos, aí têm assento).

---

<sup>1</sup> In “Estudos Espíritas”, Joanna de Angelis, psicografia de Divaldo P.Franco, Cap 5 (Corpo Somático), 6ª Ed., 1982, Fed.Esp.Brasileira, Brasília/DF

### 3. O que o Espiritismo declara sobre o problema da rejeição nos transplantes?

— Rejeição psicossomática - Sabemos nós, os espíritas, que cada ser humano tem tdo um acervo de realizações positivas e negativas ao longo de inúmeras existências terrenas, daí advindo a inexistência de patamares espirituais semelhantes. À *cause de* (por isso mesmo)<sup>2</sup>, sendo diferentes as vibrações energéticas perispirituais do doador e do receptor, o órgão a ser transplantado não encontrará sintonia vibracional no destino. Daí advém a rejeição orgânica, que na verdade, espelha diferença nos complexos, quanto sutis sistemas vitais de um e de outro, regulando o equilíbrio nos interplanos — material e espiritual.

Nesse caso, somente com altruísmo da parte do doador e com gratidão da parte do receptor, acreditamos que essa discrepância vibratória tenderá a ser atenuada, sob supervisão de Espíritos protetores, ocorrendo aquilo que o Espírito André Luiz<sup>3</sup> denomina de “vibrações compensadas”. Nos transplantes, configuramos como equalização de fluidos, transitando nas camadas mais profundas do psiquismo do doador e do receptor.

- Doação de órgãos: desprendimento material:

Somadas, as considerações acima sinalizam que a doação de órgãos pressupõe desprendimento dos bens terrenos — especificamente do corpo físico —, dos quais o homem não passa de usuário eventual.

Assim, doar órgãos é ato de amor, complementar aos que tenham sido realizados em vida. Só benefícios trará a quem o faça.

A Lei Divina de Ação e Reação, de ação automática e permanente, muito beneficiará o doador, além do que, o beneficiado (e seu Anjo Guardiã), seus parentes, amigos e a própria equipe médica envolvida, estarão todos direcionando a ele, doador, vibrações positivas, em preces de gratidão. Para o doador desencarnado isso é bênção incomparável.

Considerando que o corpo físico inclui-se no rol dos bens que o Criador coloca à disposição da criatura humana, no seu roteiro existencial terreno, não deverá o homem desse bem se julgar detentor eterno, mas apenas, responsável pela sua boa conservação, no período de utilização. Concluída esta, pela desencarnação, por que se preocupar com o destino que lhe será dado? Se nessa etapa terrena há a chance de uma última ação de amor ao próximo (sobrevida), por que não investir nessa “poupança celestial”?

Se no último minuto de um moribundo pode ocorrer sua transformação moral (“O Evangelho Segundo o Espiritismo”, Cap 5, Item 28), imagine-se que um receptor de órgão, passa a ter não “um minuto” a mais, e sim considerável sobrevida.

Pessoa alguma há que, após passar por um transplante, continue a mesma.

Daí à auto-reforma...

**4. Em uma palestra ouvi que a força vital de uma pessoa vai junto com seu órgão ou até mesmo sangue, por este motivo o ideal seria que apenas pessoas de vibrações elevadas fizessem a doação, para não serem atingidas caso o receptor do órgão possuía baixas vibrações, ou até mesmo para compartilhar da sua alta evolução e por sua vez dos seus bons sentimentos com o captador do órgão. O exemplo dado para explicar tal fato foi de que, em determinados tipos de magias do**

---

<sup>2</sup> Se falamos tanto de Kardec, permita-nos o leitor inserir no texto, de vez em quando, uma que outra expressão em francês...

<sup>3</sup> In “Nos Domínios da Mediunidade”, André Luiz, psicografia de F.C.Xavier, Cap 1/p.18 e 5/p.47, 8ªEd., 1976, FEB, Rio/RJ

**mal são utilizados cabelos, por exemplo, daquele que se quer atingir, pois a força vital ali contida seria o seu endereço, para onde iria o poder maléfico da magia. Existem mesmo tais fatos?**

— A “força vital”, que melhor deve ter a denominação de **princípio vital** (*fluido magnético animal* ou *fluido vital*) é um patrimônio individual.

Em “O Livro dos Espíritos” (LE) vemos que:

- em vida, essa energia, que animaliza a matéria (questão n° 62), pode ser doada (questão n° 70), como por exemplo, pelos passes. A fonte dessa energia é o **fluido universal** (questão n° 65);

- na morte, essa energia cessa de ativar os órgãos, que se decompõem, indo formar novos organismos; o **princípio vital** volta à massa de onde saiu (ainda na questão n° 70).

Em “Evolução em dois Mundos”, do autor espiritual André Luiz, com psicografia de F.C.Xavier e W.Vieira, colhemos preciosa informação no capítulo “Células e Corpo Espiritual”, item *Efeitos do Automatismo* quando a célula é retirada da sua estrutura formadora, no corpo humano, indo laboratorialmente para outro ambiente energético, ela perde o comando mental que a orientava e passa, dessa forma, a individualizar-se; ao ser implantada em outro organismo (por transplante, por exemplo), tenderá a adaptar-se ao novo comando (espiritual) que a revitalizará e a seguir coordenará sua trajetória(!).

Isto posto, deduzimos, *grosso modo*, que a transferência do órgão de um doador (morto) para um receptor doente talvez possa ser considerada como a substituição de uma bateria imprestável por outra, sem carga, mas apta a ser recarregada.

Se tal transferência ocorrer entre vivos, ao ser retirado o órgão (um rim, parte do fígado, medula óssea, sangue) o fluxo de vitalidade desse material cessará na fonte energética de origem (no doador) e será ativada na de destino (“no novo dono”).

Indeclinável considerar que os transplantes contam, necessariamente, com acompanhamento pelo Plano Espiritual, que de posse dos informes (merecimento) sobre o receptor, ajuíza e promove o resultado — positivo ou negativo...

Havendo sintonia entre doador (agindo por caridade: doação espontânea) e receptor (que quase sempre está fragilizado e voltado para Deus), necessariamente, é de se esperar que o transplante prospere, eis que entre ambos há uma ponte fluídica positiva, praticamente inibindo a rejeição psicossomática.

Quanto ao efeito devastador da “magia do mal”, com uso de cabelos, roupas e/ou objetos da pretensa vítima, não há como negar que o prejuízo decorre da condição mental do alvo, que por exclusiva invigilância, estabelece também “paridade de sintonia” com os agressores (encarnados e desencarnados, agindo em dupla), caracterizando tal invigilância algo assim como deixar as portas escancaradas para a tempestade.

**5. Penso que assim como na cremação, a doação não poderia levar pelo menos 72 horas para ser levada a efeito, em face da utilização imediata de alguns órgãos. Qual seria o ponto de vista na visão espírita já que o corpo sendo matéria em imediato processo de decomposição nada mais serviria após morte?**

— O Espiritismo anda de par em par com a Ciência e esta já tem como certeza que os transplantes não podem exceder a algumas horas (4 hs para o coração, por exemplo) após a morte do doador.

Declarar-se em vida doador “post mortem”, na visão espírita — e universal — é ato caridoso, denotando desprendimento e amor ao próximo. Quem doa certamente será crêdor de multiplicados benefícios espirituais não de lhe ser dispensados.

Cumpra assinalar que decisão ao contrário, em nada desabona a pessoa. Em questões de tal magnitude, jamais alguém poderá ser juiz de outrem.

Obviamente, não doar órgãos é um direito pleno de cada indivíduo.

E jamais o não-doador poderá ser acusado de egoísmo ou de falta de amor para com seu próximo. Vejamos o pensamento de uma pessoa exemplar sobre esse tema. Sim, estamos falando de Chico Xavier... Em vários periódicos espíritas foi publicado um pronunciamento atribuído a ele, nos seguintes termos:

*A minha mediunidade, a minha vida, dediquei à minha família, aos meus amigos, ao povo. A minha morte é minha. Eu tenho este direito. Ninguém pode mexer em meu corpo; ele deve ir para a mãe Terra...*

No livro “As Vidas de Chico Xavier”, de Marcel Souto Maior, Ed. Planeta do Brasil Ltda, 2ª Ed., revisada, 2003, à p. 269 consta que o texto acima encontra-se exposto no mausoléu de mármore branco, onde o Chico foi sepultado (no cemitério de Uberaba/MG).

De qualquer forma, o não-doador – e somente ele — poderá responder à autopergunta:

— E se um dia eu precisar de um transplante?...

## **6. Acho que o grande dilema da Doação de Órgãos é o momento em que temos de decidir, quando os médicos devem retirar os órgãos de um parente nosso!!! Qual o momento certo para optarmos pela doação? Podemos confiar nas palavras dos médicos, quando dizem que já houve morte cerebral?**

— Sim, será sempre um momento familiar muito difícil autorizar o aproveitamento de órgãos do ente amado que morreu. Mas consta que mais de 70% das famílias o permitem!

A legislação brasileira é das mais enérgicas e não são os médicos das equipes de transplantantes que atestam a morte do eventual doador, e sim, outros médicos.

A Medicina, no mundo todo, tem como certeza que a **morte encefálica**, que inclui a morte do tronco cerebral, só terá constatação através de dois exames neurológicos, com intervalo de seis horas, e um complementar. Assim, quando for constatada cessação irreversível da função neural, esse paciente estará morto, para a unanimidade da literatura médica — essa é a chamada morte encefálica.

OBS: O **tronco cerebral**, e não o coração, é reconhecido como o organizador e “comandante” de todos os processos vitais. Nele está alojada a capacidade neural para a respiração e batimentos cardíacos espontâneos; sem tronco ninguém respira por si só.

Na ausência dessa atividade integradora, a Medicina conta com ajuda artificial (respiradores e aparelhos de ressuscitação cardíaca, de circulação extracorpórea, etc.) para manter “vida artificial”. No caso da morte encefálica o desligamento desses aparelhos não gera problemas já que sem eles a pessoa não viveria.

(Vide maiores detalhes em “Saúde e Espiritismo”, da AME-Brasil, 2000, SP/SP, p. 108 a 113).

## **7. O Espiritismo é contra ou a favor da doação de órgão?**

— O Espiritismo, que consubstancia a moral cristã, tem como uma das suas premissas o amor ao próximo. A doação de órgãos espontânea (com a respectiva declaração ainda em vida) se insere nesse contexto.

Vamos citar o Espírito Joanna de Angelis, com psicografia de Divaldo Franco, em “Dias Gloriosos”, LEAL, 1999, Salvador/BA, no Cap. *Transplantes de Órgãos*:

“(…) Verdadeira bênção, o transplante de órgãos concede oportunidade de prosseguimento da existência física, na condição de **moratória**, através da qual o Espírito continua o périplo orgânico. Afinal, a vida no corpo é meio para a plenitude — que é a vida em si mesma, estuante e real”.

**8. Em todos os estudos, vemos que os Espíritos auxiliares aguardam o momento certo para realizar o desenlace final entre um Espírito e seu corpo. Se eu sou uma doadora de órgãos, estes Espíritos auxiliam na doação? Como saber se não estão cometendo "Eutanásia"? Sentirei a doação? Pois sei que os médicos consideram a morte cerebral para transplante.**

— Em “Obreiros da Vida Eterna”, de A.Luiz/F.C.Xavier, FEB, Rio/RJ, Cap. 16 e 18, aprendemos como agem os Espíritos “técnicos da desencarnação”: já por princípio, são competentes e caridosos. Não cometeriam a eutanásia, que sob qualquer aspecto é tão contrária ao Espiritismo (vide nº 28 do Cap V de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”).

A doação de órgãos pressupõe amor ao próximo (estaremos sempre enfatizando isso) e é da Lei Divina, como asseverou-nos Jesus, que *a cada um, segundo suas obras*. Assim, depreende-se que o aproveitamento de órgãos para transplante não causará mal algum ao Espírito do doador, e sim, ao contrário, ajuda-lo-á a se desligar mais rapidamente dos seus despojos. Não nos esqueçamos da alegria do receptor e dos seus familiares, a se expressar por preces gratulatórias em favor do doador.

Para fins de transplantes a Medicina considera a **morte encefálica** e não apenas “morte cerebral”. (Favor rever nossa resposta à questão nº 6, acima).

**9. Às vezes o Espírito, mesmo depois do desenlace, ainda fica ligado ao corpo físico. Existe algum estudo realizado no sentido de que o doador após o desencarne possa sentir extirpar-lhe os órgãos?**

— Desconhecemos a existência de um tal estudo. Não obstante, nada obsta a análise de que duas hipóteses podem ocorrer, sendo certo que sempre há assistência dos Espíritos bondosos

1ª – nenhuma dor: quando o doador, que em vida o declarou, ou mesmo após morrer não se revolta e até fica feliz em verificar que o corpo, para ele perdido para sempre, está ajudando alguém;

2ª – alguma dor: quando o Espírito captar que seus despojos estão sendo manipulados para transplante(s) e se revolta, considerando tal fato uma “usurpação de algo que lhe pertence”; podemos imaginar que será bem dificultada a assistência dos Espíritos amigos, a benefício desse involuntário doador e do receptor; nesse caso é de se presumir que o doador sentirá alguma repercussão perispiritual dolorosa, mas bem atenuada, mediante a assistência espiritual possível, espelhando a jamais negada caridade de Deus.

OBS (1) - Allan Kardec, em “O Céu e o Inferno”, 2ª Parte, Capítulo I - “Transição”, dá-nos preciosas informações sobre a separação da alma e do corpo, pelo rompimento da ligação fluidica — morte. Enumera várias situações e comenta-as detalhadamente.

OBS (2) – Em “Os Mensageiros”, de A.Luiz/F.C.Xavier, FEB, Rio/RJ, Cap. 48, 49 e 50, há também preciosa lição sobre a ação dos bons Espíritos no momento do desligamento do Espírito do corpo físico.

**10. O receptor, caso o doador desencarnado não tenha desprendimento, pode sentir a influência do mesmo?**

— Sim, pode, desde que não tenha defesas morais. Aliás, quase que podemos tipificar tal influência como obsessiva. E a obsessão só acontece quando há sintonia, isto é, há compartilhamento de patamar moral similar, invigilante. A influência, no caso, se dará muito mais de Espírito (desencarnado) para alma (do encarnado), do que propriamente via material transplantado, sobre o qual recairão mesmo as conseqüências...

**11. Há uma grande polêmica com relação de como o Espírito doador se sente quando são tirados seus órgãos. Qual a porcentagem em que o Espírito não sente nada? A maioria sente dor ou não?**

— As análises de Allan Kardec, que citamos ao responder à questão nº 9, acima, eliminam qualquer polêmica.

Quanto a estabelecer porcentagens das coisas espirituais, quer nos parecer, seja tentame temerário, senão imprudente. Contudo, apenas como conjetura:

a. doadores espontâneos: 100% não sentem dor;

b. doadores involuntários:

- se se revoltarem: 100% sentirão desconforto e mesmo alguma dor;

- se não se revoltarem: 100% poderão sentir apenas algum desconforto.

OBS: Em 05.Abr.85 Chico Xavier psicografou uma mensagem vinda do Espírito de um jovem cuja irmã autorizara o aproveitamento do coração dele: narrou esse Espírito que assim que foi dado como “cl clinicamente morto” pelos médicos cirurgiões teria sentido uma dor muito grande, mas logo foi amparado por outros Espíritos amigos com magnetismo curativo e a dor desapareceu. Soube, mais tarde, que houvera “doador” o coração a um homem que necessitava urgentemente desse transplante. Sentiu-se então satisfeito e agradecido, notando, inclusive, que no seu peito (perispiritual) o coração pulsava forte e robusto!

**12. Como esclarecedora em Reunião Mediúnica, tenho tido a oportunidade de conversar com irmãozinhos surpresos e revoltados porque "estão retirando diversos órgãos do(s) seu(s) corpo(s) e ELE(S) DIZ(EM) QUE AINDA ESTÁ(ÃO) VIVO(S)". Como evitar o sofrimento nessas criaturas ainda apegadas às sensações físicas? No caso de espíritas, um trabalho de conscientização prévia, durante a existência, seria o ideal e quanto a profites de outras religiões?**

— É abençoada oportunidade essa a do “doador involuntário” ser atendido na reunião mediúnica do Centro Espírita: o esclarecedor, sem a menor dificuldade, poderá demonstrar-lhe o benefício resultante dessa “involuntária doação”, seja pela assistência dos bons Espíritos, seja pela gratidão do receptor e dos seus familiares, mas muito principalmente do Anjo Guardião desse receptor.

Com muito tato esse esclarecedor deverá levar o visitante espiritual à conclusão de que se encontra agora numa nova etapa da vida eterna e que há amigos aguardando tão-somente a boa vontade dele para encaminhá-lo a institutos espirituais de refazimento.

Quanto a conscientizar profites de outras religiões, lembramos que o Espiritismo não faz proselitismo (diligência para angariar simpatizantes), mas sim, por outro lado, jamais o espírita deverá desperdiçar a oportunidade que se lhe apresenta para divulgar as clari-dades evangélicas que a Doutrina dos Espíritos tem para ofertar àqueles que as busquem.

**13. Nós podemos dizer que em todos os casos de morte encefálica o Espírito já se desligou do corpo físico?**

— Não, não podemos. O desligamento do corpo físico é um processo altamente especializado e que pode demorar minutos, horas, dias, meses (questão nº 155 do LE e Cap. XI, nº 19 de “A Gênese”, de A.Kardec). Embora com a morte física não haja mais qualquer vitalidade no corpo, ainda assim há casos em que o Espírito, cuja vida foi toda material, sensual, fica jungido aos despojos, pela afinidade dada por ele à matéria.

Vamos inserir aqui um conceito pouco estudado e menos ainda compreendido por muitos espíritas: a diferença entre morrer e desencarnar (\*)



a. – *morrer*: cessação da vida, apodrecimento, bolor!

b. – *desencarnar*: libertação da alma.

(\*) “Estude e Viva”, pelos Espíritos Emmanuel e A.Luiz e pelos médiuns F.C.Xavier e W. Vieira, FEB, Rio/RJ, Cap. 26.

Também o Espírito Marco Prisco, em mensagem psicografada por Divaldo Franco, no Centro Espírita “Caminho da Redenção”, em Salvador/BA, registra:

(...) A morte biológica não significa desencarnação. Como a reencarnação tem início na fecundação e se alonga por meses e anos-a-fio até que se fixem os núcleos espirituais na organização celular, também a desencarnação, com a morte do corpo apenas começa...

#### **14. Ouve-se falar em mercantilismo (venda de órgãos) em alguns casos de transplantes. De fato, o que há sobre isso?**

— O que há é que algumas pessoas, desesperadas, chegam a ofertar um rim, e até uma córnea, para algum eventual comprador (receptor), oferta essa publicada em jornais.

A legislação brasileira proíbe taxativamente tal procedimento (venda/compra), só contemplando a doação intervivos, para fins humanitários e terapêuticos, de pessoa maior e capaz e quando se tratar de órgãos duplos, de partes de órgãos, tecidos ou partes do corpo cuja retirada não comprometa a saúde (física e mental) do doador.

Para citar apenas três países: Alemanha, França e Itália igualmente proíbem venda de órgãos ou parte de tecidos.

A questão de doação entre vivos é complicada e a maioria dos médicos envolvidos com transplantes prefere manipular órgãos de cadáveres.

OBS: Na valiosa obra espírita de Wladimir Lisso “Doação de Órgãos e Transplantes”, Ed. Fed.Espírita do Est.S.Paulo, 1998, registra o autor à p. 31, citando a fonte:

(...) *De todos os tipos de transplantes realizados no Brasil, 80% são de rins. Destes, 80% são feitos entre pessoas vivas — uma proporção inversa à da Europa, onde apenas 5% das cirurgias do gênero são realizadas entre vivos.*

#### **15. A doação de órgãos interfere na vida espiritual daquele doador que desencarnou e aquele encarnado que recebeu o órgão?**

— Intensamente! A doação, por amor ao próximo ou mesmo a decidida pela família, carrega benesses ao Espírito do doador pois os receptores (e seus familiares) sentem tanta alegria e gratidão que isso reverbera positivamente na forma de bônus espirituais para ambos. Principalmente para aquele, imaginamos, como citamos na questão nº 8, acima.

#### **16. Todos devemos doar os órgãos em sinal de caridade? Há algum caso em que não se devam doar os órgãos?**

— Numa ou noutra das hipóteses (doar ou não doar) a decisão é de cada um.

Doar nem sempre redundará em aproveitamento físico do órgão, como por exemplo em determinadas *causa mortis* do doador (idade avançada, metástases, doenças infecciosas, avaria no órgão, etc).

A decisão de ser doador tem que estar muito bem alicerçada, à luz consciente da imortalidade do Espírito e do quanto seu gesto irá aliviar vidas terrenas. Fora dessa consciência melhor será aguardar que novas reflexões venham banhar o entendimento e a firme tomada de posição, saindo da hamletiana dúvida de *ser ou não ser* doador.

#### **17. Conheço um caso de uma colega de trabalho, que doou parte do fígado para um irmão. O receptor do órgão ainda não se encontra completamente recuperado, já que ainda sofre algumas conseqüências desse procedimento, como o surgimen-**

to de "sapinho" por todo o esôfago e a boca (isso é reação dos remédios contra a rejeição). Há situações em que essa colega sente um repuxamento no abdômen, e se percebe que, ao mesmo tempo, esse irmão dela não se encontra bem, seja lá por algum motivo. Será que essa doação não foi completamente realizada, ou seja, ainda existem, no corpo do receptor, energias que são do doador, e que assim o prejudicam? Seriam essas reações, não só por conta dos remédios, mas também vindas da pessoa doadora?

— A rejeição que se verifica num transplante de órgão, de doador morto, ou de parte de órgão, como no caso focado, de doador vivo, incidirá sempre na questão fundamental do merecimento do receptor.

Quando o órgão ou parte de um órgão é separado do corpo original, interrompe-se automaticamente o fluxo de vitalidade na matéria orgânica, sob comando até então daquele Espírito (o doador, no caso). Ao ser realizado o transplante, essa matéria se submete ao Espírito que se asila no novo endereço orgânico (no receptor).

E é aí que entra em ação a Lei de Causa e Efeito:

- o desconforto observado no doador e no receptor (agindo como depurador) pode indicar que o primeiro, agindo com intenção altruística, fraternal, e o segundo, recebendo mais transplante de amor do que de matéria orgânica propriamente dita, vivenciam, ambos, sublime apara de arestas, até então escondidas nas dobras do tempo e que agora se esvaem nas abençoadas alamedas do presente, rumo a um porvir feliz.

Essa é uma primeira hipótese. Sempre existirão outras...

**18. Sabendo-se que cada órgão do corpo físico é portador de energia específica, necessária à experiência terrena daquela existência do Espírito desencarnado, e doador em questão, não haveria uma espécie de transmissão energética que possa se contrapor às experiências que o Espírito encarnado receptor necessita para sua experiência na existência em causa? Tal fato poderia constituir uma interferência nas leis da vida?**

— Embora seja por vários motivos que o Espiritismo contempla a doação espontânea de órgãos para transplantes, um dos mais decisivos é assim descrito por Joanna de Angelis, no já citado livro "Dias Gloriosos":

*(...) Transferido o órgão para outro corpo, automaticamente o perispírito do encarnado passa a influenciá-lo, moldando-o às suas necessidades, o que exigirá do paciente beneficiado a urgente transformação moral para melhor, a fim de que o seu mapa de provações seja também modificado pela sua renovação interior, gerando novas causas desencadeadoras para a felicidade que busca e talvez ainda não mereça.*

Cada órgão tem mesmo características energéticas específicas (células, que são verdadeiras mini-usinas geradoras de energia), contudo se interligam molécula a molécula do organismo integral, o qual se rege por comando do Espírito, daí resultando equilíbrio (saúde) ou desequilíbrio (anomalia em algum órgão, com reflexos em todo o corpo).

Num transplante o material a ser aproveitado deverá apresentar condições plenas que gerem a expectativa de sucesso. A Lei Moral de Causa e Efeito, citada na questão anterior, preside inteira e invariavelmente os acontecimentos marcantes da trajetória dos Espíritos (encarnados ou desencarnados) e assim, pelas "leis da vida" só prosperarão os transplantes que se enquadrarem nelas.

**19. Que conseqüências socio-afetivo-espirituais podem ter um transplante de útero?**

— Transplantes de útero, ao que sabemos, ainda não foram realizados no mundo. Existem, sim, estudos (na Suécia), preconizando que existirão, dentro de três anos. Na hipótese de que venham a ser cogitados e realizados, quer nos parecer que se enquadrarão nos chamados “transplantes não-essenciais”, isto é, a vida da receptora não depende desse órgão, pois ele não é vital. Tal transplante deverá ocorrer preferencialmente “intervivos”: as potenciais doadoras poderão ser uma irmã (que não quer ter mais filhos) ou a própria mãe da receptora, considerando que a idade não seria obstáculo. Conseqüências afetivas e espirituais presentes, serão sempre positivas. Quanto às conseqüências sociais, quer nos parecer que os laços consangüíneos se encarregarão de ajustar e pacificar todos os eventos de tal transplante e das suas conseqüências...

## **20. Quais são os tipos de transplantes que tem 100% de êxito? Qual é a porcentagem de êxito de cada tipo de transplante?**

— Estabelecer porcentagens de êxito nos transplantes seria algo assim como estabelecer quais as probabilidades de um pneu recém remendado voltar a furar a 10 metros ou a 100 quilômetros da borracharia. Contudo, estatisticamente, o que há é que a taxa de sobrevida dos transplantes é extremamente elevada. Isso graças não só às técnicas médicas, sempre se aperfeiçoando, mas também pelos esquemas imunossupressores que se desenvolveram e se ampliaram consideravelmente, existindo atualmente esquemas que levam a zero por cento (0%) a rejeição celular aguda na fase inicial do transplante, que é quando ocorrem.

A sobrevida de paciente atinge 90% e a sobrevida de enxerto de doador morto, ao final de cinco anos por volta de 70%.

No transplante intervivos a taxa de sobrevida do enxerto atinge um índice de cerca de 80% por volta do quinto ano.

## **21. Todo o corpo humano é transplantado atualmente? Quais partes não são transplantáveis, hoje?**

— Na atualidade podem ser utilizados, para transplantes:

### De doador vivo:

- rim / parte do fígado / parte do pulmão / medula óssea / células do fígado / células do pâncreas (produtoras de insulina);

OBS: De propósito, para não escorregarmos num sofisma (argumento aparentemente válido, mas não conclusivo) ou num eufemismo (suavização de uma idéia, substituindo-a por expressão mais agradável), deixamos de citar aqui as doações de sangue e as de gametas (óvulos ou espermatozóides, para emprego em reprodução assistida); embora mediante pequena abstração, ambas as doações talvez possam ser consideradas como transplantes (ou não?...). Sem nos esquecermos que, por lei, doações de gametas têm de se revestir de sigilo, quanto à identidade do doador.

### De doador morto:

- rim / fígado / medula óssea / coração / pulmão / pâncreas / intestino / pele / osso / veia / córnea.

OBS: Os transplantes de pulmão e de intestino ainda são um desafio.

## **22. Como ocorre um transplante?**

— Transplante: é medida extrema, última, da Medicina. Via de regra, só é preconizado quando há diagnóstico tido como certeza de que sem ele o paciente não sobreviverá.

Os candidatos a transplante formam uma fila cronológica (inscrição por ordem de diagnóstico), sendo que devido às proporções continentais do Brasil, que impediriam obediência a uma listagem nacional, são organizadas listas regionais.

### **23. Em qualquer tipo de morte os órgãos podem ser aproveitados?**

— Não: *o doador ideal é jovem e morreu subitamente, de morte violenta ou acidente vascular cerebral* (Revista VEJA, 20.Ago.2003, p. 101).

Além desses casos, doadores com *morte encefálica* só poderão também ofertar órgãos que após meticulosos exames se mostrem aptos a serem transplantados.

De um modo geral, a Medicina aproveita órgãos saudáveis de doadores até 70 anos.

### **24. Quando se pode precisar que uma pessoa está realmente morta?**

— Foi árduo e cheio de contramarchas o caminho percorrido pela Ciência para atualmente chegar ao conceito pleno de morte, ou de morte real: a **morte encefálica**, à qual já nos referimos, mas que, segundo a *American Society of Neuroradiology* é:

*O estado irreversível de cessação de todo o encéfalo e funções neurais, resultante de edema e maciça destruição dos tecidos encefálicos apesar da atividade cardiopulmonar poder ser mantida por avançados sistemas de suporte vital e mecanismo e ventilação*. (In: “Dos Transplantes de Órgãos à Clonagem”, de Rita Maria P.Santos, Ed. Forense, Rio/RJ, 2000, p. 41).

Já vimos, anteriormente, que tal diagnóstico só é exarado após procedimentos médicos especializados, seguidos de provas e exames particulares, previstos em lei.

**25. Sou doadora de órgãos na minha carteira. Quando fiz esta opção eu era evangélica, acreditava que depois da morte meu corpo não teria mais nenhuma serventia para mim e que meu Espírito estaria adormecido até o juízo final. No entanto, hoje sei que há Espíritos que levam mais tempo para se desligar em do corpo.**

— **Não consigo me imaginar presa ao meu corpo, mas como saber qual será meu comportamento depois do desencarne sendo que não sei em que nível de evolução me encontro? Procuo buscar minha evolução, contudo será que seria conveniente fazer mudanças nos documentos e passar a não ser doadora?**

— Estaremos sempre enfatizando que a doação de órgãos é uma decisão individual.

Em nossa opinião ela só deverá acontecer quando a pessoa, por convicção plena, estiver consciente de que está praticando algo de bom, não restando receio algum que disso possa advir algum desconforto, dor ou qualquer prejuízo, quando desencarnar.

### **26. O doador pode ter influência na não-aceitação do órgão doado?**

— Poderá tentar... No entretanto, só conseguirá se o receptor não se mantiver no abrigo evangélico, caso em que ocorrerá sintonia entre ambos, pois é da lei que semelhante atrai semelhante.

### **27. O que são “transplantes não essenciais”?**

— De algum tempo a esta parte, no mundo todo, transplantes até então considerados impossíveis começaram a ser realizados, com algum sucesso: não se tratava de órgãos vitais como rim, fígado ou coração, mas sim tecidos não essenciais à vida do paciente: mãos, rosto, joelhos, língua, etc. Logo questões éticas foram levantadas:

— Vale a pena a pessoa recompor um braço ou uma perna e se obrigar, para o resto da vida, a ingerir imunossupressores (obrigatórios, para evitar rejeição), sabendo que há sérios riscos colaterais, tais como infecções, diabetes e expressivo risco de câncer?

Essa pergunta está sendo feita por muitos médicos e a resposta ainda não existe, pois nos casos de transplantes não-essenciais considera-se que não existe necessidade urgente, e no caso, quer parecer que o resultado não é compensador (para usar um jargão em “economês” diríamos que a desproporção entre *custo* e *benefício* desencoraja tal iniciativa).

## **28. O que são “xenotransplantes”?**

— Xenotransplantes: (Xeno: do grego: *xenos* = estranho).

Xenotransplante, assim, seria o transplante de órgão de um indivíduo de uma espécie, para indivíduo de outra.

Há no mundo toda pesquisas visando a utilização de órgãos de animais para transplantes em humanos.

Nos EUA, em 1992, foram feitas experiências com fígado de porco, fígado de veado e fígado de babuíno. Pouca sobrevida obtiveram os receptores. Imperou a rejeição. Desde então, com vistas a eliminá-la, há pesquisas no sentido de inserir genes humanos em embriões de animais, que após nascerem, quando adultos, serão transformados em “banco de órgãos” para transplantes.

Seriam “animais transgênicos”, isto é, com patrimônio genético modificado.

*OBS: Em Agosto/2002, uma empresa britânica de investigação de utilização de tecidos animais (xenotransplantes) — a mesma que criou a ovelha Dolly — anunciou ter conseguido clonar porcos geneticamente modificados para não provocar rejeição. Como a fisiologia do porco é assemelhada à humana, a espécie torna-se excelente candidata a fábrica de órgãos para reposição. A notícia é promissora, mas deve ser recebida com cautela: nunca se sabe, por enquanto, se junto com um órgão desses também não seja transferido um supervírus suíno...*

*(Folha de S.Paulo, 25.Ago.2002).*

Consideramos que isso é premeditada maldade para com tais doadores: terão eles que morrer para salvar vidas...

## **29. O que são “retransplantes”?**

— Ocorre um retransplante quando o transplante não prospera e o paciente é submetido a um novo transplante.

## **30. O que há na Medicina sobre células-tronco e os transplantes?**

— Células-tronco: acenos com o fim da necessidade de doação de órgãos!

Dentre todas as surpreendentes descobertas da Biologia, depois do DNA (em 1953), a das células-tronco pode ser considerada a mais sagrada. Foi em 1998 que dois cientistas americanos conseguiram multiplicar em laboratório esse tipo de célula. São células comparáveis a tijolos: assim como numa construção são empregados desde o alicerce até o topo, da mesma forma a natureza as utiliza para a construção de um organismo.

No sentido prático serão utilizadas por meio de injeção no paciente, na parte lesada, por doença ou acidente ou mesmo por extirpação cirúrgica. Nesse caso, o próprio organismo desse paciente se encarregará de repor o tecido danificado ou construir outro, sadio, para substituir aquele que foi retirado.

Prosperando o tratamento, o transplante fica dispensado!

Por exemplo: um paciente com problemas cardíacos (dano nos tecidos cardíacos), no qual fossem injetadas células-tronco no coração, desenvolveria tecidos novos e saudáveis ali.

OBS: O ator norte-americano Christopher Reeve, que no cinema desempenhou o papel do Super-Homem, há seis anos sofreu um acidente quando praticava hipismo. Declarou em Out/2001, à Revista VEJA, que criou a “Fundação Christopher Reeve”, para ajudar nas pesquisas do desenvolvimento das técnicas das células-tronco, com as quais espera recuperar as duas vértebras da sua coluna cervical, destruídas naquele acidente, gravíssimo, do qual escapou da morte mas ficou tetraplégico.

### **31. Como as células-tronco poderiam eliminar a doação de órgãos?**

— Pela restauração dos órgãos lesados, por autotransplante. Essa é a perspectiva. A propósito, a Revista Galileu, de Outubro/2001, informa quais as doenças causadas por problemas celulares que podem ser curadas por injeções de células-tronco, que passam a fazer a função de suas colegas defeituosas:

- Enfarte: recuperação dos tecidos cardíacos
- Cirrose: recuperação de células do fígado
- Diabetes: células novas restauram a produção de insulina
- Queimadura: regeneração de tecido da pele
- Artrite: regeneração dos tendões
- Osteoartrite: restaura-se a ligação de ossos e tendões
- **Transplantes: células-tronco geram qualquer órgão(!!!).**

Por isso é que imaginamos que com as células-tronco, no futuro, praticamente será eliminada a necessidade de transplantes. Pelo menos, nas patologias acima.

### **32. E onde são encontradas as células-tronco?**

— Por enquanto, para pesquisas, as células-tronco podem ser extraídas do cordão umbilical e da placenta. Ou de embriões descartados — os blastócitos (embriões jovens, preferencialmente após quatro dias de idade). Nessa fase, os blastócitos possuem cerca de 40 células e cada um dos futuros bebês não passa de uma esfera, invisível a olho nu... Na verdade, esses embriões são formados de duas esferas ocas, uma dentro da outra; a primeira, a externa, vai gerar a placenta, e a interna, a que possui as células-tronco, o bebê. Extraídas as células-tronco, elas podem ser transformadas em qualquer órgão do corpo, com a mesma identidade genética do embrião.

Mas como o descarte de embriões é crime na maioria dos países, esta tem sido a maior dificuldade do emprego das células-tronco, tanto que para obtê-las os cientistas as solicitam a casais que forneceram o óvulo e o espermatozóide (embriões fertilizados *in vitro*) e que não mais desejam a eventual gravidez.

Descartar embriões será sempre causa de objeções de vários segmentos sociais, dentre eles o religioso, contrário à interrupção da gravidez.

Para sair desse impasse os cientistas, na sua incansável busca de novos procedimentos, conseguiram clonar embriões(!), isto é, a partir de um embrião “original”, desenvolveram um método capaz de multiplicá-lo indefinidamente. Dessa forma, é possível a criação de um “infinito banco de embriões”, dos quais serão retiradas as células-tronco necessárias.

Em 26.Nov.01, a Folha de S.Paulo noticiou, em manchete, a clonagem do primeiro embrião humano, realizada nos EUA, a partir da mesma técnica empregada na clonagem da ovelha Dolly. A Empresa norte-americana detentora da pesquisa declarou que a clonagem se destina exclusivamente a fins terapêuticos (obtenção de células-tronco).

O mundo ficou pasmo!

Os desdobramentos são imprevisíveis...

Até este ponto persiste objeção mundial ao descarte de qualquer acervo embrionário.

Mas, na inexorável marcha evolutiva da Ciência humana, em 2002 surgiu sublime possibilidade nesse horizonte: cientistas da Universidade de Minnesota, EUA, descobriram que células-tronco adultas da medula óssea podem se transformar em qualquer tipo de tecido, assim como suas equivalentes embrionárias. (Folha de S.Paulo, 21/Junho/2002).

### **33. Como o Espiritismo vê essa questão de embriões destinados a transplantes?**

— Antecipamos aqui uma visão espírita para quaisquer embriões: jamais descartá-los!

O homem não cria células (espermatozóide + óvulo = embrião), apenas manipula-as e são duas as hipóteses em que eventualmente a biogenética pode utilizá-las, para fins terapêuticos:

a. embriões estruturados laboratorialmente, destinados aos processos de infertilidade do casal (um ou os dois cônjuges); os subsistentes, pelo que hoje se observa, cedo ou tarde sofrerão descarte ou terão destino a experiências na extração de células-tronco para emprego em transplantes, ...

b. embriões clonados — quantos embriões-clones se queira, a partir de uma matriz, para os mesmos fins do item anterior.

Num e noutro caso, o material restante terá que ser descartado.

Vemos em “O Livro dos Espíritos” (Corpos sem alma):

- nas questões 136-a e 136-b, consta que podem existir corpos sem alma, sendo apenas uma massa de carne sem inteligência;

- na questão 336 consta que Deus proveria os casos em que um corpo que deve nascer não encontrasse um Espírito para nele reencarnar-se (“embriões-clones”?...)

No outro capítulo “União da alma e do corpo”, questões 344 e 356-b, encontramos seguinte orientação;

- no momento da concepção o Espírito se une em definitivo ao corpo, por laços ainda frágeis, podendo haver mortes prematuras, tanto pela imperfeição da matéria, quanto, principalmente, por tratar-se de prova, tanto para ele quanto para os pais;

- há casos em que jamais houve um Espírito destinado aos corpos, nada devendo se cumprir neles.

(essa hipótese não autoriza sequer reflexões tendentes a justificar descarte de embriões, eis que é atribuição da Espiritualidade realizar a junção perispírito-embrião para a vida terrena do Espírito e essa informação jamais foi passada a quem quer seja na Terra).

Isto posto, todos embriões — matrizes ou clonados — devem ser respeitados, como “vida em potencial”.

## **CONCLUSÃO**

Passamos a palavra para o Professor Doutor Raul Marino Jr., neurocirurgião e professor titular de Neurocirurgia da Divisão de Clínica Neurocirúrgica do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP.

Fazemos nossas, as palavras dele:

“(…)

Heróis são difíceis de achar — doadores vivos, doadores potenciais mantidos vivos em UTIs em respiradores artificiais e famílias esclarecidas que acabaram de sofrer a tragédia da perda de um ente querido.

É preciso uma alta dose de altruísmo, solidariedade e generosa caridade cristã para transferir a própria vida, por nossa vontade, após nos despirmos das prisões da carne, ou consentir que um parente venha a compartilhar o dom da vida com alguém da lista nacional (de pacientes aguardando recepção de órgãos), após um infortúnio.

(...)

Os transplantes, ligados intimamente que estão ao ato supremo das doações, surgiram como que para testar nossas virtudes de solidariedade humana, nosso altruísmo, nossa generosidade, nossa piedade, nossa compaixão, nossa filantropia, nossa benevolência, nossa bondade, nosso amor ao próximo, nosso espírito humanitário, nossa indulgência, nossa excelência moral, nossa grandeza de alma, nossa misericórdia, nosso espírito de socorro, amparo e auxílio e, sobretudo, a virtude mais decantada nos Evangelhos: o amor e a caridade”.

(Folha de S.Paulo, A3, “Opinião”, 15.Mai.2001).

Ribeirão Preto/SP – Outono/2003 - Eurípedes Kühl